

CIÚMES NAS VIVÊNCIAS DE HOMENS E MULHERES: CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS DO CAMPO PSI

Maísa Guimarães¹
Valeska Zanello²

Resumo:

Questões sobre ciúme são comuns no cotidiano social e nos consultórios psicológicos. Dilemas ciumentados também estão associados com violências sofridas por mulheres em suas relações conjugais. Este artigo objetiva analisar como abordagens teóricas do campo Psi entendem e pesquisam o fenômeno do ciúme. A partir de uma revisão narrativa da literatura, cinco diferentes abordagens Psis são destacadas: psicologia evolucionista; análise do comportamento; teorias sociocognitivas; estudos socioculturais e abordagem psicanalítica. Esse estado da arte contextualizou os campos de teorização, evidenciando o quanto cada enfoque conceitual reflete formas diversas de compreender o fenômeno e a subjetividade, demandando discussões epistemológicas e éticas. Identificou-se os seguintes pontos cruciais para reflexão: associação entre ciúme, traição e preservação da conjugalidade; análise de questões históricas e culturais; e considerações sobre as emocionalidades sob um prisma de gênero.

Palavras-chaves: ciúme; gênero; crítica; psicologia, cultura.

Abstract:

Questions about jealousy are common in social daily life and in psychological offices. Jealous dilemmas are also associated with violence suffered by women in their marital relationships. This article aims to analyze how theoretical approaches in the Psi field understand and research the phenomenon of jealousy. From a narrative review of the literature, five different Psis approaches are highlighted: evolutionary psychology; behavior analysis; sociocognitive theories; sociocultural studies and psychoanalytic approach. This state of the art contextualized the fields of theorization, showing how each conceptual approach reflects different ways of understanding the phenomenon and subjectivity, demanding epistemological and ethical discussions. The following crucial points for reflection were identified: association between jealousy, betrayal and preservation of conjugality; analysis of historical and cultural issues; and considerations about emotionalities from a gender perspective.

Key-words: jealousy; gender; review; psychology, culture.

¹ Psicóloga, Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde (PGPDS-UnB) e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PSICC-UnB). Pós-Graduada *latu sensu* em Terapia Familiar e de Casais pela PUC-GO. Servidora pública no Programa Núcleo de Atendimento a Família e Autores de Violência Doméstica (NAFAVD-GDF). Psicóloga Clínica com foco em Psicanálise e Gênero.

² Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília. Doutorado em Psicologia pela Universidade de Brasília (2005) com período sanduíche na Université Catholique de Louvain (Bélgica). Coordenadora do grupo "Saúde mental e gênero" no CNPq

Introdução

O ciúme tem estado presente, continuamente, em produções literárias, em expressões culturais e nos dilemas trazidos aos consultórios de Psicologia. Dos ditados populares ao ciúme transformado em líricas e versos, fica evidente o quanto este é um tema permeado por ambivalências: de exaltações românticas ao ciúme (*o ciúme é o tempero do amor*); dos discursos que o justificam como um aparente cuidado (*ciúme não, é só excesso de cuidado*) aos alardes de sua periculosidade (*prova que o ciúme é só o estrume do amor*).

Apesar de essa problemática se mostrar parte do cotidiano e ser, com frequência, associada a situações de angústia, identifica-se que o ciúme não tem sido um objeto de estudo amplamente trabalhado pela Psicologia e suas áreas afins. Consideramos relevante investigar como esse sentimento se configura, é significado e se manifesta nas atitudes e no psiquismo dos sujeitos.

Além do mais, é importante refletir se tal sentimento é vivenciado de formas diferenciadas em homens e mulheres. Essa questão se revela fundamental quando percebemos que, embora muitas teorias afirmem que mulheres são mais ciumentas que homens (CARVALHO & AMBIEL, 2016; FREUD, 1925/2019a; HARRIS, 2005), são estes que mais têm cometido graves violências contra mulheres (especialmente, suas companheiras ou ex) sob a justificativa de que agiram por ciúmes (FBSP & DATAFOLHA, 2019; TEIXEIRA, 2009).

No Brasil, os índices de tais violências são alarmantes. Pesquisa revelou que 27,4% das mulheres brasileiras sofreu alguma agressão no último ano e, na maioria das vezes (76,4%), tal agressão foi cometida por um homem com quem havia algum vínculo afetivo (FBSP & DATAFOLHA, 2019). Em 2018, uma mulher foi assassinada no país a cada 2 horas (CERQUEIRA et al., 2020). Uma pesquisa sobre os feminicídios em São Paulo identificou que 75% dos casos foram cometidos por homens que não aceitavam o fim do relacionamento conjugal ou relatavam ciúmes de suas parceiras (ou ex) (FERNANDES, TAKAKI, & PAULA, 2018). Estes dados indicam que há uma discrepância na forma como homens e mulheres têm lidado com suas vivências ciumentas.

Considerando tal problemática, torna-se relevante questionar sobre como tais dilemas têm sido abordados nas teorias do campo Psi, a saber, na Psicologia e na

Psicanálise. O objetivo deste artigo é, assim, analisar como tais abordagens teóricas entendem e pesquisam o fenômeno do ciúme. Além disso, busca-se problematizar características e limitações de cada campo de conhecimento, bem como compreender o quanto há uma discussão sobre possíveis especificidades na experiência ciumenta em homens e/ou mulheres.

Método

Trata-se de um estudo teórico baseado em uma revisão narrativa da literatura sobre ciúmes em produções acadêmicas das áreas Psis. Este procedimento qualitativo também denominado como *estado da arte* foi utilizado nesta pesquisa por objetivar mapear conhecimentos sobre determinado assunto; produzir uma discussão teórica entre os múltiplos enfoques e perspectivas identificados; e analisar criticamente possíveis lacunas ou desafios para o avanço científico em determinada temática (ROTHER, 2007; VOSGERAU & ROMANOWSKI, 2014).

Deste modo, para identificar as principais abordagens Psis que versam sobre o ciúme, foi realizado um levantamento bibliográfico nas plataformas científicas Scielo e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Nas delimitações metodológicas, foi utilizado o descritor (DeCS) “ciúmes”, “jealousy” e “celos”; e selecionado textos em formatos de artigos disponíveis nos idiomas português, inglês e espanhol com publicação no período de 2003 a 2017.

Considerando o objetivo principal de avaliar a discussão sobre ciúmes e conjugalidade, optou-se por limitar a busca a artigos que continham o descritor especificado no título e por excluir textos que não se referiam a contextos amorosos (como a questão de ciúmes em relações profissionais ou em demais vínculos familiares). Pesquisas referentes a áreas médicas, como psiquiatria e neurologia, também foram excluídas do escopo de análise.

A análise qualitativa iniciou-se com a leitura dos resumos e a identificação das principais abordagens teóricas da Psicologia presentes nos artigos selecionados. Estudos em cinco diferentes campos de conhecimento se destacaram neste levantamento bibliográfico: psicologia evolucionista; análise do comportamento; teorias sociocognitivas; estudos socioculturais e abordagem psicanalítica. A partir da leitura desse material coletado, buscou-se identificar nos artigos quais obras bibliográficas eram mais citadas e quais seriam os/as autores/as de referência em tais estudos. Logo,

procedeu-se com um novo levantamento bibliográfico em acervos de bibliotecas e de livrarias, a fim de consultar livros e possíveis textos clássicos sobre a temática em cada abordagem. Os resultados desta revisão narrativa estão expostos a seguir, organizados a partir das diferentes correntes teóricas, incluindo as discussões sobre contribuições e limites identificados em cada perspectiva.

Psicologia evolucionista

As teorias evolucionistas sobre ciúmes foram desenvolvidas especialmente nas décadas de 80 e 90 nos EUA, sendo Buss (2000) um dos teóricos mais eminentes da área. Na trajetória histórica dessas teorias, Ferreira (2013) demonstra que a relevância desse autor é evidenciada pelo extenso número de estudos que replicam, em diferentes partes do mundo, o mesmo desenho de pesquisa e confirmam, de modo geral, suas teorias de predição.

Nesta abordagem, o ciúme é visto como uma sabedoria emocional, articulada de modo não consciente e transmitida por nossos ancestrais ao longo do desenvolvimento da espécie humana. O ciúme, enquanto “expressão útil de estratégias eficazes de enfrentamento destinadas a lidar com ameaças verdadeiras às relações” (BUSS, 2000), seria, assim, necessário às mesmas por demonstrar compromisso entre os parceiros e por apresentar uma solução adaptativa para ameaças reais de traição e para os problemas relativos à sobrevivência e à reprodução.

Apesar de este estudioso mencionar as consequências destrutivas que o ciúme pode acarretar (como violência, sofrimento emocional, ruptura de laços sociais e afetivos), a sua tese principal avalia que mais problemático aos parceiros românticos seria a ausência de ciúme por significar falta de vínculo de afeto. Mesmo a ideia de um ciúme excessivo ou patológico é flexibilizada pela justificativa que o ciúme é uma defesa contra a infidelidade, seja ela fato comprovado, seja uma suspeita que ao ser antecipada pela denúncia do ciumento, poderia ser evitada (BUSS, 2000; BUSS, LARSEN, WESTEN, & SEMMELROTH, 1992; RAMOS & CALEGARO, 2001).

Identifica-se que a discussão sobre ciúme nessa perspectiva é focada basicamente na temática da traição e da infidelidade em uma tentativa de aproximar tais questões como sinônimas ou indissociáveis. O *método da escolha forçada* é a diretriz metodológica primordial, o qual consiste em apresentar dois dilemas fictícios para que os participantes respondam sobre qual situação os deixariam mais incomodados: saber que o(a)

parceiro(a) teve relações sexuais com outra pessoa ou saber que ele(a) se apaixonou por outra pessoa.

A partir da escolha do pior cenário pelos sujeitos, conclui-se sobre tipos diferentes de ciúmes: o sexual e o emocional. A tese defendida é de que homens e mulheres manifestam ciúmes diferentes em resposta aos problemas adaptativos distintos que cada sexo enfrentou em sua evolução, sendo identificado com maior presença (em termos de frequência e intensidade) o ciúme sexual em homens, e o ciúme emocional em mulheres (BUSS, 2000; BUSS et al., 1992).

Deste modo, a experiência do ciúme estaria relacionada às estratégias sexuais e ao acasalamento: o medo da infidelidade sexual da parceira e seu conseqüente risco à própria paternidade estariam na base do ciúme dos homens; enquanto para as mulheres o maior impacto seria de uma infidelidade emocional do parceiro, em que ele poderia se envolver com outra mulher e, conseqüentemente, comprometer seu tempo e seus recursos antes dedicados a ela e à família (BUSS, 2000; RAMOS & CALEGARO, 2001).

Embora esta explicação apresentada revele sobre possíveis atravessamentos sociais na experiência humana da conjugalidade, Buss (2000) é enfático em atribuir essa diferenciação entre homens e mulheres, exclusivamente, ao desenvolvimento filogenético e à adaptação da espécie humana. Tal interpretação assume posição central em nossa leitura crítica ao considerarmos que a perspectiva evolucionista produz, através de uma explicação biológica e universalizante, uma explanação que naturaliza as emoções e que reifica as diferenças sexuais.

A tendência de naturalizar o ciúme parte de uma compreensão das emoções como fenômenos corporais que seriam independentes de contextos culturais e resultantes de dimensões biológicas e psicológicas inerentes aos seres humanos. Ou seja, a premissa é de que as emoções seriam universais e invariáveis, cronológica e socialmente. O campo teórico da Antropologia das Emoções destaca críticas que evidenciam o quanto as emoções, incluindo os ciúmes, são construções sociais, com demarcações históricas e com signos culturais no modo de serem delineadas e compartilhadas (LE BRETON, 2019; REZENDE & COELHO, 2010).

Além do mais, interpretar as diferenças sexuais como meras respostas adaptativas da evolução da espécie (re)produz um discurso de reificação e ontologização. O próprio enfoque sobre as diferenças corporais entre homens e mulheres e como elas repercutem em modos de ser opostos resulta de posições epistemológicas e políticas construídas

historicamente. Como Laqueur (2001) demonstrou em seus estudos, a concepção de homem e mulher como substancialmente diferentes e binariamente opostos consolida-se como um paradigma somente a partir do século XVIII. A concepção moderna de sujeito instaurou, assim, além da cisão razão-emoção, o binarismo natureza-cultura e masculino-feminino.

Os limites do determinismo biológico na experiência de homens e mulheres têm sido problematizados pelos estudos feministas desde a década de 70, a partir dos quais consolidou-se o construto de *gênero* com os objetivos de rejeitar a demarcação biológica inerente ao termo *sexo*; de desconstruir a suposta naturalização das diferenças; e de destacar a construção social do que é entendido como masculino e feminino (SCOTT, 2019; ZANELLO, 2018). Aponta-se que o próprio acesso, identificação e interpretação sobre corpo e biologia são mediados pela cultura e inscritos em contextos discursivos e políticos (Butler, 2012; Scott, 2019). Evidencia-se, assim, que a questão não é negar que tais diferenças existam, mas compreender como e porque a “diferença foi traduzida em oposição e desigualdade” (ZANELLO, 2018, p. 44).

Percebe-se que os estudos evolucionistas direcionam suas pesquisas para as diferenças entre homens e mulheres, mas não as compreendem em termos de desigualdade de poder nem de construções sociais gendradas. Ainda que se manifeste preocupações em relação a situações de violência envolvidas em experiências de ciúme, estas são entendidas, de modo geral, como pormenores de uma estratégia mais ampla de manutenção do relacionamento. Como defende Buss (2000), essa emoção não deriva de “capitalismo, patriarcado, cultura, socialização, mídia, defeitos de caráter ou neurose. Embora o ciúme possa atingir extremos patológicos ou mortais, a vasta maioria dos episódios é expressão útil de estratégias eficazes de enfrentamento destinadas a lidar com ameaças verdadeiras às relações” (p. 48)

Esse foco de análise privilegia a funcionalidade e a eficácia das manifestações ciumentas em evitar rompimentos amorosos, significando, em certo nível, que atos violentos sejam invisibilizados ou minimizados. Por fim, é necessário apontar que há críticas também em relação à validade do método da escolha forçada e à imposição desse procedimento como único pertinente ao desenvolvimento deste campo. Esse método tem sido questionado por restringir a descrição do fenômeno, limitar a abrangência da análise e apresentar resultados que não são replicáveis ou confirmados quando outros procedimentos metodológicos são utilizados. Denuncia-se uma seletividade nas

referências utilizadas por Buss (2000) ao mencionar em seus estudos apenas pesquisas que confirmem suas teorias, desconsiderando estudos que as contradizem (FERREIRA, 2013; RAMOS & CALEGARO, 2001).

Harris (2005) e Carvalho e Ambiel (2016) desenvolveram meta-análises de diferentes pesquisas a fim de verificar os métodos utilizados e comparar os resultados encontrados. A partir de tais estudos, identificou-se que a variedade de instrumentos utilizados se associava a resultados heterogêneos e discrepantes. Utilizando outros instrumentos metodológicos em complementação ou substituição ao método de escolha forçada, resultados contraditórios foram encontrados, tanto na identificação de diferenças sexuais em sentido oposto (mulheres com mais ciúme sexual que os homens), quanto na ausência de qualquer diferença do ciúme entre os sexos. Além de demonstrar a inconsistência do caráter inato das possíveis diferenças sexuais no sentir ciúme, Harris (2005) conclui que “simplesmente encontrar uma diferença de gênero válida, por si só, não falaria sobre a origem dessa diferença, nem a capacidade de construir uma história adaptativa que soe persuasiva prova que algum efeito de gênero é inato” (p. 85).

Tais estudos críticos demonstram o quanto a teoria evolucionista apresenta-se como um referencial teórico importante nos estudos sobre ciúmes, seja nas pesquisas que se propõe a replicar suas premissas (FERREIRA, 2013), seja influenciando outras linhas teóricas que buscam ampliar suas assertivas ou refutar certas teses, como se evidencia nos campos da Análise do Comportamento e nos estudos Sociocognitivos (COSTA, 2005; HARRIS, 2005)

Análise do Comportamento

A ideia evolucionista do ciúme enquanto adaptação da espécie encontra respaldo também na Análise do Comportamento, visto que para eles qualquer comportamento, público ou privado, tem contingências filogenéticas. Contudo, essa análise estaria limitada sem abarcar os componentes ontogenéticos e culturais, sendo a interação destes três fatores essenciais para a leitura behaviorista de qualquer fenômeno humano (COSTA, 2005; COSTA & BARROS, 2010).

Para os teóricos do comportamento, os fatores ontogenéticos e culturais também impactam na experiência ciumenta de homens e mulheres. Em razão disso, questiona-se a tese de uma diferenciação inata de mulheres sentirem mais ciúme emocional e homens, mais ciúme sexual. Para investigar se tais diferenças se relacionariam ao gênero ou aos

aspectos que cada indivíduo valoriza em um relacionamento afetivo, Costa e Barros (2008) construíram uma metodologia para comparar fatores desencadeadores de ciúme com as concepções individuais das prioridades e dos valores atribuídos ao vínculo conjugal. Como resultado, verificou-se poucas divergências no que homens e mulheres valorizam em uma relação afetiva e nas situações desencadeadoras de ciúme. Deste modo, não apenas o caráter inato das diferenças é questionado, mas a própria noção de que tais diferenças existam.

Destaca-se como uma das premissas da Análise do Comportamento que qualquer sentimento é um comportamento privado, consequência de condicionamentos reflexos (em referência a reações fisiológicas sentidas em situações de ciúme) e operantes (ao estabelecer vínculo entre o que se sente, e como e porque se age de determinada forma). Sendo um evento privado, é possível que o ciúme se configure como uma contingência quando dele decorrer comportamentos públicos, estabelecendo-se assim uma relação de dependência entre o que se sentiu no âmbito privado e que ações foram desencadeadas no âmbito público (COSTA, 2005).

Essa diferença estabelecida entre sentir e demonstrar ciúme apresenta-se como uma contribuição importante dos estudos behavioristas. Além disso, a discussão sobre as múltiplas contingências possíveis amplia o olhar sobre a diversidade de sentidos a partir dos quais o ciúme se manifesta: por reforçamento positivo (quando ao demonstrar ciúme, por exemplo, o sujeito recebe declarações de amor e garantias do comprometimento do(a) parceiro); por reforçamento negativo (quando o(a) parceiro(a) evita, por exemplo, sair para não causar ciúme); por generalização e imitação (quando, ao considerar a expectativa social de “ciúme como prova de amor”, o sujeito expressa ciúme); ou por punição (com a retirada de um reforço positivo ou apresentação de um reforçador negativo) (COSTA, 2005; COSTA & BARROS, 2010).

Apesar da análise dessas múltiplas contingências e da percepção de que há, culturalmente, um padrão esperado e reforçado sobre o ciúme, a Análise do Comportamento entende que o ciúme não é necessário às relações, contrapondo-se assim à tese evolucionista que o define como estratégia útil e sábia para a sobrevivência da espécie humana (COSTA, 2005). Como explica Skinner (1978), um comportamento filogeneticamente adaptado pode, ainda assim, trazer prejuízos e não ser benéfico para o indivíduo, para o grupo ou para a espécie. Desse modo, a percepção sobre prejuízos e

sufrimentos que o ciúme pode acarretar ao indivíduo e a pessoas de seu convívio direciona essa crítica à imprescindibilidade do ciúme.

Além do mais, apesar das distinções apresentadas entre sentimentos e ações, os estudos sob uma perspectiva behaviorista evitam abordar eventos privados como explicações para comportamentos, ou seja, a referência causal entre o indivíduo sentir e, em decorrência disso, manifestar ciúme não se sustentaria teoricamente. Como explica Skinner (2003):

É fácil confundir o que sentimos com causa, porque nós o sentimos enquanto estamos nos comportando (ou mesmo antes de nos comportarmos), mas os eventos que são responsáveis pelo que fazemos (e, portanto, pelo que sentimos) permanecem num passado realmente distante. A análise experimental do comportamento favorece a nossa compreensão dos sentimentos por esclarecer os papéis dos ambientes passado e presente (p. 15).

Assim, embora não negue a dimensão privada dos sentimentos, a Análise do Comportamento tem seu foco de estudo direcionado, especialmente, para os eventos públicos do comportamento humano que acarretaram a própria emoção sentida. Ou seja, entende-se experiências emocionais como produtos concomitantes, correlatos ou colaterais das interações do indivíduo com seu meio (SKINNER, 2003).

Em uma proposta de aprimoramento teórico, Costa e Barros (2010) propõem que ao invés de trabalhar com o termo “ciúme”, os analistas do comportamento deveriam utilizar-se da categoria “comportamento ciumento”. Esse comportamento estaria, necessariamente, vinculado a eventos antecedentes de caráter respondente e a eventos consequentes pautados por condicionamento operante. Como explicam os autores,

o evento antecedente que compõe a interação caracterizada como comportamento emocional ciumento consiste na competição, com um rival, por reforçadores. O componente operante deste comportamento tende a ser reforçado negativamente com a remoção do rival ou atenuação da situação de competição, embora também possa ser reforçado positivamente com atenção social (p. 141).

Consideramos que essa proposta se sustenta em uma leitura ambígua: ao mesmo tempo que amplia o olhar sobre a experiência ciumenta ao integrar os estímulos antecedentes às contingências associadas, desconsidera-se a multiplicidade dessa vivência ao delimitar como critério fundamental da categoria “comportamento ciumento” a identificação de uma competição e de um rival atuando como um competidor. Percebe-se assim que, embora tais estudos behavioristas defendam que seu foco de análise é o indivíduo em seu comportamento emocional ciumento, há uma tendência de avaliar (ou

mesmo averiguar) os comportamentos de outras pessoas envolvidas na situação, no caso do(a) parceiro(a) e do(a) rival.

Teoria Sociocognitiva

A interpretação sociocognitiva sobre ciúme foi desenvolvida por Harris (2004, 2005) a partir de críticas em relação às teses evolucionistas sobre ciúmes. Além das considerações apresentadas anteriormente sobre a validade do método de escolha forçada (HARRIS, 2005), questiona-se que nas pesquisas evolucionistas os parâmetros sobre ciúmes (desde medidas fisiológicas a respostas comportamentais) são sempre definidos a partir de cenários hipotéticos de infidelidade, o que sinaliza limitações para avaliar a infidelidade real e a influência do histórico amoroso de cada indivíduo (HARRIS, 2004, 2005).

As críticas a tais procedimentos metodológicos subsidiam questionamentos epistemológicos sobre os critérios de previsão, falseabilidade e causalidade das teses evolucionistas sobre o ciúme. Ou seja, na avaliação dos teóricos sociocognitivistas, o postulado do ciúme como um mecanismo inato e diferenciado filogeneticamente em homens e mulheres não tem valor preditivo suficiente; não pode ser verificado se outras variáveis são discriminadas (por exemplo, se há presença de infidelidade real); é refutável quando outros métodos são incluídos (quando utilizam-se, por exemplo, escalas ou inventários sobre ciúme); além de não apresentar argumentos suficientes que garantam que as formas como homens e mulheres têm lidado com o ciúme estão direta e exclusivamente relacionadas a desenvolvimentos filogenéticos da espécie humana (HARRIS, 2004, 2005; HARRIS & DARBY, 2010).

Importante destacar, porém, que não se questiona a função adaptativa do ciúme na manutenção dos relacionamentos, mas entende-se esse processo evolucionário como um mecanismo aprendido e não inato (FERREIRA, 2013). Nessa perspectiva, mantém-se a legitimidade da abordagem evolucionista, mas questiona-se as premissas específicas sobre o ciúme e as diferenças sexuais. Harris (2004) entende que é mais provável que a seleção natural tenha moldado mecanismos gerais de ciúme para operar em uma variedade de contextos interpessoais, sendo que possíveis diferenças sexuais estariam mais relacionadas as diferenças nos julgamentos cognitivos do que nas estruturas morfológicas distintas sexualmente.

As avaliações cognitivas se apresentam, assim, como elemento primordial dessa proposta teórica que amplia a compreensão sobre os sentidos da ameaça percebida, bem como sobre os mecanismos de enfrentamento adotados pelo indivíduo em uma experiência ciumenta. A primeira dimensão explorada pelos sociocognitivistas da percepção do que é visto como ameaçador se alinha à compreensão presente também nos estudos evolucionistas e comportamentais: a apreensão da ameaça como risco potencial de perder recompensas decorrentes dos relacionamentos, seja referente a benefícios concretos (como recursos financeiros e estruturais) ou simbólicos (como afeto e atenção) (HARRIS & DARBY, 2010).

Um segundo aspecto abordado complexifica o debate ao evidenciar que um fator chave nessa avaliação é o nível de ameaça percebido em relação às representações do eu, afinal

a existência de um rival pode ser particularmente ameaçadora porque desafia algum aspecto da autodefinição de uma pessoa (Parrott, 1991), auto-identidade (Salovey & Rothman, 1991) ou auto-estima (Mathes, 1991). Vários teóricos notaram a importância que as relações desempenham na definição do self e do valor próprio. Portanto, os rivais dos relacionamentos não apenas ameaçam as recompensas do relacionamento, mas também o próprio valor do self. Por exemplo, quando confrontados com a infidelidade de um parceiro, as pessoas avaliam o significado da traição em termos das implicações sobre si mesmo (ela fez sexo com ele porque sou má amante ou porque sou pouco atraente?). As respostas a essas perguntas terão impacto na intensidade do sofrimento (HARRIS & DARBY, 2010, p. 551).

Além do mais, o julgamento cognitivo sobre os níveis de ameaça desenvolve-se de forma processual. Em um primeiro estágio, o indivíduo se conscientiza de um possível rival e direciona seu foco para identificar o quanto ele é uma ameaça em potencial e se está, de fato, disputando a atenção do(a) parceiro(a). Em uma avaliação secundária, analisa-se como é melhor reagir a essa ameaça e que mecanismos de enfrentamento serão adotados (HARRIS & DARBY, 2010). Importante pontuar que na teoria sociocognitiva os parâmetros sobre eficiência ou satisfação das respostas ao ciúme são estabelecidos em referência à preservação e à proteção do relacionamento, ou seja, quanto maior a probabilidade de manutenção do vínculo amoroso, mais satisfatoriamente tais reações são avaliadas (HARRIS, 2004; HARRIS & DARBY, 2010).

Esse foco na manutenção do casamento tem sido o principal fator observado ao se argumentação de que o ciúme tem mais efeitos positivos que negativos (HARRIS & DARBY, 2010). Entendemos, porém, que essa premissa de avaliar como eficácia ou efeito positivo a preservação do vínculo conjugal revela valores e moralidades sociais que

precisam ser problematizadas. A exaltação do casamento é resultado de desenvolvimentos históricos e culturais pautados por relações de controle e de poder que impactam homens e mulheres de formas diferentes e assimétricas (ZANELLO, 2018). Entendemos como ponto crítico que teorias sobre ciúmes designem como parâmetro positivo a simples preservação do relacionamento, sem refletir de forma criteriosa sobre tal valoração e ignorando discussões sobre qualidade de vida e saúde emocional das pessoas envolvidas.

Possíveis diferenças sexuais nas experiências de ciúme foram analisadas pelos estudos sociocognitivistas, concluindo-se que tais experiências apresentam muito mais similaridades do que diferenças (HARRIS, 2005). Avalia-se que a diversidade das manifestações ciumentas está relacionada às idiossincrasias das trajetórias individuais e das experiências de socialização de cada sujeito, não necessariamente vinculando-se a questões de gênero (CARVALHO & AMBIEL, 2016; HARRIS, 2004, 2005).

Por outro lado, ao analisar casos diagnosticados como de ciúme patológico, Harris e Darby (2010) reconheceram uma predominância masculina, cuja associação com comportamentos violentos significaria maior risco de violência contra mulheres. Contudo, ao avaliarem se o ciúme motivaria mais homicídios femininos do que masculinos, a conclusão foi de que não há razão para acreditar que a motivação ciumenta na ocorrência de assassinatos atue de forma desproporcional em homens e mulheres (HARRIS & DARBY, 2010).

Percebe-se, assim, pontos inconsistentes nas premissas sociocognitivas sobre ciúme. A forma como se aborda sua associação com a infidelidade exemplifica esse debate. Embora os sociocognitivistas tenham extensivamente criticado os evolucionistas por estudarem o ciúme apenas em termos de infidelidade hipotética (HARRIS, 2004, 2005), o que se evidencia é que a crítica principal se pautava na problemática da situação imaginária de traição, sem abranger uma discussão conceitual sobre infidelidade e sobre como o ciúme se apresenta de forma muito mais ampla e complexa do que a questão da traição – seja ela factual, suposta ou delirante.

Apesar das críticas expostas, reconhecemos que os estudos sociocognitivistas ampliaram o debate ao teorizar como o ciúme também é vivido enquanto uma ameaça às representações de si (HARRIS & DARBY, 2010). Tal compreensão revela-se como uma contribuição essencial dessa teoria, embora no desenvolvimento das teses sociocognitivas essa dimensão não tenha sido extensivamente explorada.

De todo modo, consideramos essencial essa reflexão do que significa para cada sujeito sentir-se ameaçado e que tipo de questionamento sobre si mesmo tal ameaça evidencia. Se o ciúme revela (ou pode revelar) falhas de aspectos identitários, é importante discutir, então, que configurações identitárias estão sendo ameaçadas e como elas se (re)estabelecem e se (re)organizam. Além do mais, pode-se ampliar o debate para analisar se homens e mulheres, em uma experiência ciumenta, sentem-se ameaçados identitariamente da mesma forma. Será que os sofrimentos referentes à conjugalidade configuram-se sob os mesmos mecanismos e impactam a ambos do mesmo modo?

Estudos socioculturais

As leituras socioculturais sobre o ciúme mantêm certo alinhamento teórico com os estudos sociocognitivos, embora suas análises transcendam o olhar individualizante ao focalizar as dimensões sociais e experiências culturais. Identifica-se como convergente com a abordagem cognitiva a compreensão de como a experiência ciumenta se desenvolve: um primeiro estágio em que se avalia um evento como ameaçador (avaliação primária), para, em seguida, julgar a respeito das estratégias de como reagir (avaliação secundária) (HUPKA, 1991).

Porém, o que marca o distanciamento dessas duas abordagens é que, para os teóricos culturais, tais avaliações cognitivas são, fundamentalmente, pautadas em fatores culturais e não em aspectos biográficos ou idiossincráticos. Entende-se que tanto a percepção de um evento como ameaça quanto a avaliação de quais reações são apropriadas ou eficazes são produtos da socialização (CLANTON, 2007; PINES & FRIEDMAN, 1998). Como explica Hupka (1991):

sentir-se ameaçado em uma situação de ciúme é um produto da socialização. Nasce das escolhas que foram feitas no processo de criação da sociedade. Toda sociedade teve que tomar decisões sobre certas questões fundamentais, como a economia de alimentar seus membros, comportamento de acasalamento e assim por diante. Quaisquer que tenham sido as decisões ou escolhas, elas têm consequências psicológicas para o indivíduo. Ou seja, as escolhas definem para o indivíduo o que é valorizado e o que deve, portanto, ser protegido (p.326).

Ao abordar consequências psicológicas, evidencia-se que não há uma negação da dimensão psíquica, mas um entendimento de que “a cultura de uma sociedade é uma variável mais potente do que as características do indivíduo em prever qual evento alguém avaliará como uma ameaça” (HUPKA, 1991, p. 325). Os determinantes culturais seriam, assim, essenciais e preponderantes no processo de interpretar um evento como

ameaçador; de identificar valores e normas sociais; e de avaliar como reagir (em conformidade ou em desafio a tais normas).

A influência cultural impactaria a ação dos sujeitos tanto nos processos de avaliação primária quanto secundária sobre o ciúme. Este impacto não é visto, porém, como uma força que unilateralmente molda ou determina os indivíduos. O conceito de cultura, para Hupka (1991), é de um corpo de costumes e normas elaborados de forma tácita e gradual pelos próprios indivíduos e acessados por eles na busca de interesses e necessidades pessoais, sendo esse movimento marcado por uma reciprocidade, visto que as criações culturais (sejam materiais ou simbólicas) repercutem e afetam toda a sociedade.

Essa concepção revela uma dimensão política das configurações culturais, por enfatizar que “os indivíduos criam leis, costumes, normas e instituições, que permitem a todos perseguir interesses pessoais. Cada indivíduo faz uso das conquistas culturais para atingir objetivos pessoais” (HUPKA, 1991, p. 326). Consideramos uma contribuição importante a politização conceitual que aponta os agenciamentos possíveis e subjacentes aos mecanismos culturais. A análise revela-se limitada, contudo, se não alcançar reflexões sobre as relações de poder que pautam tais configurações culturais: estariam todos os indivíduos, independente de variáveis de gênero ou raça, em iguais condições de oportunidade e de liberdade para criar, valorar, usufruir e se apropriar das produções culturais?

Este questionamento é explorado por Clanton (2007) ao denunciar que os estudos sobre ciúme têm negligenciado a relação dessa emoção com o poder. Para esse estudioso do campo da Sociologia das Emoções, o ponto crucial para a compreensão do ciúme está relacionado ao desequilíbrio de poder entre os casais, e não a questões isoladas e individuais de baixa autoestima. Essa dimensão interacional se articula com os contextos socioculturais que interpelam valores, padrões e normas para a vivência da emoção e da conjugalidade.

Uma compreensão sociológica do ciúme traz potenciais implicações clínicas, por propiciar que o indivíduo reflita sobre os contextos culturais em que está inserido; amplie a compreensão de suas ações para além de motivações puramente privadas ou individuais; e identifique como e porque determinados eventos são avaliados como ameaçadores e determinadas respostas se destacam (CLANTON, 2007; PINES, 1992).

Por outro lado, ao se deparar com a diversidade de sentimentos associados ao ciúme (como medo, raiva, tristeza, insegurança) e com a impossibilidade de delimitá-lo empiricamente, Hupka (1991) radicaliza suas concepções defendendo que o ciúme deve ser entendido não como uma experiência emocional, mas como uma situação social particular. A autora conclui que apenas mudanças culturais nas situações e avaliações sobre ciúmes teriam eficácia, sendo que “tomar a psicoterapia com o propósito de se sentir menos ameaçado em uma situação de ciúme é um exercício de aprender a negar sentimentos e influências culturais ou de desvalorizar a importância dos outros para nós” (HUPKA, 1991, p. 352).

Identifica-se assim uma ambivalência dentro da própria abordagem no que diz respeito a quão preponderante é o fator cultural em relação às dimensões individuais, ou mesmo como se operacionaliza uma leitura sobre o ciúme que o abarque enquanto fenômeno social, mas também psicológico. Sobre tais questionamentos somam-se críticas de que as teorias socioculturais subestimam a importância dos processos intrapsíquicos e dos fatores interacionais do casal (PINES, 1992).

Nesse caso, concordamos que explicações que se aproximam de uma radicalidade pelo social correm o risco de sobrepujar a subjetividade e a vivência afetiva dos sujeitos. Como alerta Butler (2012) é problemática a dissociação feita entre cultura e sexo, como se o primeiro fosse simplesmente uma inscrição cultural e o segundo, biológica. A autora defende que nem o sexo pode ser reduzido a uma característica anatômica, por ser também um meio discursivo/cultural de construção simbólica; nem o gênero pode ser reduzido a formulações fixas da cultura- “nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (p. 26).

De todo modo, as pesquisas cross-culturais revelam uma dimensão essencial na compreensão do ciúme ao evidenciarem que as formas como as pessoas o significam e o vivenciam refletem valores e normas culturais, e variam conforme os contextos sociais em que estão inseridas (CLANTON, 2007; PINES, 1992). Os estudos etnográficos se apresentam, assim, como uma das contribuições mais importantes dessa abordagem ao revelarem que há uma grande diversidade de formas como cada sociedade determina o que seria um evento ameaçador e uma ação apropriada ao ciúme, sendo que tais variações estão relacionadas muito mais a regras sobre a conjugalidade do que a questões biológicas ou psicológicas.

Através de estudos etnográficos, Hupka (1991) identificou características que estariam vinculadas a uma maior prevalência de situações de ciúme. Como resultado, encontrou que essa maior preponderância estaria associada a valores culturais que enfatizam: a propriedade individual; a garantia de descendência; o controle da sexualidade com limites à liberdade e à satisfação sexual; e o prestígio do casamento (visto como meio de sobrevivência econômica, de ascensão social ou de reconhecimento do indivíduo como um partícipe adulto e competente da sociedade). Embora o autor não identifique tais características com padrões sociais permeados por uma lógica sexista, nos parece evidente tal associação, especialmente se considerarmos a realidade brasileira e seus valores culturais marcados pelo (desejo de) controle e posse sobre as mulheres e os(as) filhos(as) (MACHADO, 2004; ZANELLO, 2018).

Além disso, teóricos socioculturais discutem se homens e mulheres são interpelados e afetados por tais normas do mesmo modo. Clanton (2007) evidencia que em algumas culturas os tabus referentes ao adultério e ao controle da sexualidade costumam funcionar em um duplo padrão para as questões de gênero: em que a infidelidade masculina é mais aceitável e a feminina mais punida, o que acarreta uma valoração diferente aos ciúmes, aos significados de uma ameaça e às reações consideradas válidas para homens e para mulheres.

Pines e Friedman (1998) enfatizam o quanto há uma gama de pesquisas dedicadas a responder qual dos sexos sente mais ciúmes, mas que pouco ainda se discute se eles significam esse sentimento da mesma forma. Nesse sentido, um novo foco de estudo se estabeleceu na perspectiva de investigar quais (e como) processos culturais impactam na forma como homens e mulheres avaliam situações como ameaçadoras; definem reações como apropriadas ou inadequadas; e lidam com emoções advindas de tais experiências (CLANTON, 2007; ORTIZ, JIMÉNEZ, NOVAS, & GARCÍA, 2012; PINES & FRIEDMAN, 1998).

Algumas premissas investigadas por Pines e Friedman (1998) são de que mulheres reagem com ciúmes quando percebem ameaças à preservação de seu relacionamento amoroso; enquanto as reações masculinas estariam mais relacionadas a percepção de ameaças a sua autoestima ou a sua própria identidade. Embora os resultados empíricos dessa pesquisa tenham confirmado mais a primeira premissa do que a segunda, sinaliza-se a importância de que mais estudos explorem tais questões.

Estas reflexões trazem uma contribuição importante ao indicar novas possibilidades de compreender a complexidade e a diversidade da experiência ciumenta, na busca por analisar como são percebidas e constituídas as vivências de ciúme entre homens e mulheres. Trata-se de um caminho de análise que não se dedica a simplesmente afirmar/constatar se há um gênero mais ou menos ciumento, mas que oferece leituras possíveis de como esse afeto se instauraria enquanto performances (BUTLER, 2012) e emocionalidades (LE BRETON, 2019).

Abordagem psicanalítica

O campo da Psicanálise oferece uma leitura psicodinâmica sobre ciúmes com o olhar direcionado para os processos intrapsíquicos, as dimensões inconscientes e as configurações subjetivas na vivência desse afeto. Embora essa temática tangencie os escritos freudianos em diferentes momentos de seu percurso teórico (FREUD, 1911/2006a, 1922/2016, 1925/2019a), é possível afirmar que não são comuns estudos em Psicanálise específicos sobre ciúme, tendo a maioria deles explorado as caracterizações patológicas desse afeto (LACHAUD, 2001).

As vinculações inconscientes da experiência ciumenta se apresentam como marco diferencial dessa abordagem quando comparada a outras leituras teóricas sobre o tema. Freud (1922/2016) entende que o ciúme não se configura apenas como racional, consciente e proporcional às circunstâncias reais, mas está imerso no âmbito inconsciente e ligado às primeiras experiências emocionais infantis.

Os conceitos de narcisismo e de castração revelam-se cruciais nas discussões psicanalíticas sobre o ciúme. Tais conceitos se configuram de modo articulado ao longo do desenvolvimento, estabelecendo-se como bases para a subjetividade e para o modo como cada sujeito significará as relações consigo mesmo e com suas escolhas amorosas. O desenvolvimento do narcisismo é fundamental na constituição do Eu, quando a criança, a partir do investimento dos pais (ou cuidadores) experiencia um sentimento de plenitude e pode investir sua libido em si mesma percebendo-se plena e ideal - o que, nesse momento, tem efeito de proteção psíquica. Posteriormente, contudo, essa coincidência momentânea entre Eu real e Eu ideal é questionada quando a criança constata que não é um sujeito completo e perfeito para o outro e nem para si, tendo que lidar com a insustentabilidade de sentir-se pleno e ser seu próprio ideal. Em tal conjuntura, emerge o complexo de castração (em associação ao Complexo de Édipo) que interdita e interpela

essa apreensão narcísica de si e da realidade (FREUD, 1914/2006b, 1925/2019a, 1924/2019b; LAPLANCHE & PONTALIS, 2011).

As soluções e as tendências que se organizam a partir dos conflitos psíquicos envoltos nesses dois complexos delimitam e perpassam todo o campo teórico da psicanálise, não sendo nosso objetivo aqui nos estender em tal complexidade. É fundamental compreender, porém, que a demanda expressa pelo ciúme de ser único, insubstituível e completo para o outro apresenta-se como uma reivindicação narcísica. Sua emergência revela sobre a experiência de desamparo ou da própria negação a essa falta, como destaca Brasil (2009):

Os ciúmes flertam com a totalidade, correspondem à tentativa de desconhecer a falta fundamental, acusando o outro de roubo do que é, em si mesmo, impossível: a posse total do objeto de amor. Isto é, em vez de reconhecer o limite que me faz sujeito, e não apenas um pedaço que completaria o Outro materno (o que me aniquilaria como sujeito), coloco a dor do corte na conta do outro, transformado em rival: eu não possuo todo o objeto do amor (ou todo o amor do objeto amado) não porque isso seja impossível, mas porque alguém me rouba. Se os ciúmes flertam com a totalidade, os ciumentos querem casar com ela (p. 13).

O lugar daquele que é visto como rival ocupa posição central nas leituras psicanalíticas sobre ciúme, sendo esse lugar caracterizado muito mais pelas projeções do sujeito ciumento do que pelas ações em si daquele que parece o ameaçar. O sujeito ciumento projeta nesse rival suas idealizações, percebendo-o como um objeto ideal que ofereceria na relação amorosa algo que o próprio sujeito não pode oferecer e que receberia dessa relação aquilo que lhe é negado. Por essa contextualização, Lachaud (2001) conclui que “não é pois o objeto que determina o ciúme, é o ciúme que o forma” (p. 62), ou seja, é o sujeito ciumento que configura e significa o que seria uma cena ameaçadora e quem representaria aquilo que o ameaça.

Além disso, fica evidente que essa ferida narcísica revela muito mais sobre as frustrações do sujeito com a sua própria relação com o ideal. Nessa equação, o rival passa a ser aquele que denuncia e escancara tais frustrações e o ciúme se apresenta como o indício de que essa falta está posta. Assim, demonstra Lachaud (2001) que os dilemas do ciúme interpelam o sujeito a fazer um luto narcísico, de perdas referentes ao que ele idealiza para si e para o lugar que ocupa na vida psíquica do(a) parceiro(a), e por isso, o ciúme seria

uma prova da perda. O próprio sujeito se perde, de resto, pois na identificação com o que ele acreditava ser o objeto do desejo do Outro, algo vacila de seu próprio ser. Essa identificação garantia, de certo modo, sua existência e a

representação sob a boa forma, o bom modelo, o objeto amável e amado (LACHAUD, 2001, p. 100).

Desse modo, identifica-se que para a Psicanálise a problemática revelada pela experiência ciumenta do que é ameaçador e do que se pode perder se mantém na centralidade das análises, porém, apresenta-se como um diferencial teórico a compreensão sobre que tipo de perda e de ameaça se trata. Ou seja, o foco se transfere do medo de perder o relacionamento ou o amor do outro, para o medo de perder-se em seus próprios parâmetros de subjetivação.

Os modos como o ciúme atinge e desvela as feridas narcísicas de cada pessoa serão, porém, diversos. Para Freud (1922/2016), o ciúme precisa ser considerado em termos de economia psíquica, que se configura em três camadas de intensidades diferentes, sendo um grau normal (também nomeado como competitivo ou concorrencial), um projetado e um delirante. Como premissa inicial, Freud (1922/2016) define o ciúme como um estado emocional normal, vinculado a questões de autocritica; sentimentos de pesar e sofrimento causado pelo pensamento de perder o objeto amado; demandas narcísicas; ou inimizades contra um rival visto como bem-sucedido. O autor chega a afirmar que se alguém parece não possuir ciúmes seria decorrente de um recalque severo e, conseqüentemente, para essa pessoa o ciúme desempenharia um papel ainda mais impactante em seu inconsciente.

Em relação ao ciúme projetado, este apresenta-se como um mecanismo de defesa em que o sujeito, para lidar com a sua própria infidelidade ou seu desejo para tal, projetaria no outro o ciúme, acusando-o de infidelidade. Dessa projeção, evidencia-se uma manifestação inconsciente dos próprios desejos reprimidos do sujeito por outras pessoas, bem como uma tentativa de se defender desses desejos, uma vez que quanto mais o sujeito desloca (por meio das projeções) para o inconsciente alheio, mais se afasta de suas próprias questões inconscientes. Apesar da projeção apresentar-se como uma marca específica nos casos de paranoia, Freud insiste no seu caráter normal em termos de funcionamento psíquico, sendo o princípio e o fim desse processo convergentes: o desconhecimento (consciente) dos próprios desejos (LAPLANCHE & PONTALIS, 2011).

O caráter delirante, por sua vez, simboliza os casos de maior complexidade já que características das demais camadas do ciúme continuariam presentes, mas somam-se complicadores: circunstâncias concretas pouco afetam o enredo ciumento (por isso,

inclusive, o caráter de delírio), além das pulsões reprimidas relacionadas à infidelidade revelarem admiração e desejo do sujeito ciumento pelo próprio rival (FREUD, 1922/2016).

Frente a tal complexidade, esse foi apresentado como o pior tipo de ciúme que se configura a partir da defesa contra pulsões homossexuais, atribuindo ao outro o que seria seu próprio desejo pelo objeto do mesmo sexo (FREUD, 1922/2016; MEES, 2009). Como Brasil (2009) problematiza, porém, tais pulsões não significam necessariamente homossexualidade, mas questionamentos sobre a posição sexuada do que é ser um homem ou uma mulher – “o rival é amado, não sexualmente, mas narcisicamente” (p. 16).

Anteriormente à conceituação sobre tais dimensões do ciúme, Freud (1911/2006a) analisou as organizações delirantes no caso Schreber, quando pôde explorar sobre os sentidos atribuídos às vinculações homossexuais e suas interpelações excessivamente narcísicas. Dessa forma, ao se deparar com as contradições da fantasia de um desejo homossexual de amar e se identificar com um semelhante, os delírios de ciúme emergem como uma das soluções a tal conflito, quando se desloca o afeto do sujeito para acusar o outro de amar aquele que o atrai.

Importante destacar que ao teorizar sobre os modos como o ciúme se configura, há o entendimento de que tais funcionamentos seriam similares no psiquismo de homens e mulheres (FREUD, 1922/2016). Contudo, ao considerar a inveja do pênis como um traço característico do fenômeno do ciúme, o autor conclui que, por isso, o ciúme teria um “um papel muito maior” (FREUD, 1925/2019a, p. 266) na vida psíquica das mulheres do que dos homens.

O conceito de inveja do pênis na Psicanálise decorre da leitura de como as meninas vivenciam a percepção da falta e solucionam os conflitos edípicos. Mas, em paralelo, entende-se que o processo edípico vivenciado pelos meninos também se estrutura com respostas limitadas à constatação dessa falta fundamental (de ser não pleno para o outro) quando emerge o medo de perder ou de ser visto em falta, o que em termos psicanalíticos é traduzido pelo conceito de angústia da castração (FREUD, 1925/2019a, 1924/2019b; ZANELLO, 2016).

Consideramos como relevantes as contribuições teóricas da Psicanálise sobre as dimensões subjetivas do ciúme, porém, entendemos que para que não seja uma análise limitada é necessário situar essa abordagem como uma etnoterapia que demanda meta-análises conectadas a dimensões culturais, sociais e históricas. Portanto, propomos que a

inveja do pênis seja lida enquanto inveja do lugar social atribuído e permitido em nossa sociedade aos homens, ou seja, entendido como um conceito relacional que revela a dimensão histórica e política da qualificação das diferenças/desigualdades, e não enquanto concepção ontológica que naturaliza e essencializa as diferenças e os privilégios identificados. Como aponta Zanello (2016):

Por que há a pressuposição de certo privilégio da relação entre pênis-falo e não na relação falta(de pênis)-feminilidade? Ou, traduzindo para uma linguagem na perspectiva de gênero: da relação entre eleição e interpretação valorativa de certos atributos físicos e comportamentais/perfomáticos e não de outros à margem deste lugar de eleição? (p. 49).

Por isso, consideramos que uma leitura gendrada do conceito de narcisismo (ZANELLO, 2018) pode trazer considerações importantes para a compreensão da experiência do ciúme e suas possíveis configurações em homens e mulheres. Embora tais diferenças sejam tratadas pela Psicanálise em termo de processos de sexuação, defendemos que essa discussão precisa ser ampliada para as questões de gênero. Sexuação e gênero são termos interconectados, mas que exigem uma diferenciação crítica que esclareça que não são as distinções anatômicas que possibilitam e privilegiam certos processos de subjetivação, mas são as leituras sociais e valorativas dos corpos diferenciados entre homens e mulheres que instauram essas diferenças demarcadas em nossa cultura como desigualdades (ZANELLO, 2016).

Além disso, a própria tese suscitada por Freud (FREUD, 1911/2006a, 1922/2016) da relação entre certos tipos de ciúme e pulsões e questionamentos homossexuais (seja da posição enquanto homem ou mulher) manifesta o quanto o diálogo das compreensões psicanalíticas com os estudos de gênero é latente e urgente. A ideia de um questionamento sobre posição sexuada é atravessada pela compreensão de uma subjetivação gendrada de homens e mulheres e pela vivência das possibilidades (e também das interdições) que os interpelam (BUTLER, 2012).

Considerações Finais

Os resultados esperados de uma revisão narrativa da literatura apontam a importância de delimitar um mapa do conhecimento que não se limite a apenas identificar marcadores teóricos, mas possibilite uma compreensão sobre tais demarcações e sobre possíveis aberturas, barreiras e tensões entre os diferentes territórios do conhecimento. Como Vosgerau e Romanowski (2014) enfatizam, é um mapa que “nos permite continuar caminhando” (p. 172), uma vez que traz contribuições para a teoria e a prática, e situa

como determinada temática tem sido estudada em um campo de conhecimento, no nosso caso, o ciúme nas áreas *Psis*.

O estado da arte realizado procurou, assim, situar os campos de teorização sobre o ciúme evidenciando o quanto as prioridades e enfoques de cada abordagem refletem formas diversas de compreender o fenômeno e de avaliar seus impactos e vivências subjetivas. Nesse sentido, um posicionamento epistemológico envolve também uma reflexão ética sobre que tipo de ciência produzir, com que tipo de sociedade se comprometer e a partir de que premissas olhar e compreender o ser humano (FIGUEIREDO, 2008).

Para além das questões específicas discutidas no âmbito de cada abordagem teórica, consideramos fundamental problematizar três pontos cruciais que revelam limites e desafios ao estado do conhecimento sobre o tema. São eles: a associação entre ciúme, traição e preservação (ou ameaça) da conjugalidade; o olhar sobre questões históricas e culturais; e as considerações sobre emocionalidades de homens e mulheres sob o prisma de gênero.

Discutir ciúmes apenas em termos de infidelidade e de consequências para a conjugalidade oferece uma compreensão limitada de um conceito e de uma experiência, que se revelam bem mais complexos. Clarice Lispector, escritora que tão bem aborda as sutilezas e ambivalências dos sentimentos, apresenta uma crônica em que um rapaz, ao se deparar, a certa distância, com sua namorada conversando com amigas, sente um mal-estar intenso como “se ela sempre tivesse mentido e só agora ele tivesse a prova? No entanto ela nunca dissera que não saía ou que não ria nem conversava. Mas a ideia que ele fizera dela fora traída pela visão nova: junto das amigas, ela parecia uma outra pessoa” (LISPECTOR, 1999 p. 272). O ciúme se instaura nessa crônica não pela ideia da parceira ter ou buscar um relacionamento extraconjugal, mas sim a partir da possibilidade de parecer outra pessoa, de rir com as amigas como não ria com ele. Conclui a autora: “ele sentiu que, se houvesse possibilidade de se explicar – e não havia – proibiria que ela se encontrasse com as amigas” (p. 272).

Muitas angústias como da crônica exposta estão cotidianamente presentes na atuação em Psicologia e demandam uma compreensão de um ponto de vista clínico. Além do mais, esse enfoque na preservação do casamento como parâmetro primordial de um sucesso pessoal, ou de uma eficácia emocional, precisa ser entendido como o resultado de configurações sociais e históricas envoltas em relações de poder e em práticas de

controle que refletem importantes assimetrias nas expectativas e vivências de homens e mulheres.

Essa contextualização demonstra como reflexões sobre os sentidos atribuídos ao ciúme em culturas e realidades históricas distintas trazem contribuições importantes para compreender as emocionalidades e seus efeitos nas subjetividades, que podem provocar mudanças na forma de analisar e intervir no campo *Psi*. Destaca-se, assim, que o ciúme não é “um sentimento universal, decorrência espontânea de exigências de exclusividade sobre aqueles a quem amamos; ao contrário, sua eclosão é pautada por ‘regras de relacionamento’, que o tornam legítimo e esperado em relações governadas por expectativas prescritas de reciprocidade e exclusividade” (REZENDE & COELHO, 2010, locais do Kindle 95-97).

Como os estudos da Antropologia Cultural demonstram, as interpretações subjetivas permeadas pelos índices culturais repercutem na própria experiência sensorial e vivência emocional. Ou seja, evidencia-se que existe uma inteligibilidade da emoção que desvela mecanismos conscientes e inconscientes, individuais e sociais. Le Breton (2009), explica que

não é a natureza do homem que se exprime através delas [emoções], mas a situação e a existência social do sujeito. Elas se inscrevem sobre uma teia de significados e de atitudes que prescreve aos indivíduos tanto as formas de descrevê-las quanto as maneiras de exprimi-las fisicamente...As emoções são a matéria viva do fenômeno social, a base que orienta o estilo das relações nutridas pelos indivíduos, distribuindo os valores e as hierarquias que sustentam a afetividade (p. 120).

Desse modo, entendemos que estudar um afeto envolve compreender experiências sensoriais individuais, tanto a nível consciente quanto inconsciente, mas inclui também pensar em termos de uma pedagogia dos afetos (ZANELLO, 2018). Ou seja, entender que existe uma lógica de configurações subjetivas e sociais em relação às emoções, a qual delimita *scripts* culturais sobre os meios de expressão de determinados sentimentos; sobre as possibilidades e aberturas culturais para tal expressão; e sobre as configurações históricas que podem proporcionar, de modo desigual, vivências emocionais para homens ou mulheres.

Como evidenciado nesta revisão, grande parte das teorias sobre ciúmes já aborda a experiência ciumenta em homens e mulheres, seja pautando suas diferenças, seja as negando. Contudo, acabam se limitando a padrões descritivos e não explicativos do fenômeno, sem problematizar concepções que podem essencializar e reificar as diferenças entre o sentir e o agir de homens e mulheres.

Portanto, considerar as relações de gênero enquanto produto e processo das emocionalidades, permite compreender como uma vivência gendrada dos afetos se insere nos processos de subjetivação e nos *scripts* culturais da conjugalidade (ZANELLO, 2018). Aponta-se, assim, que um olhar sob o prisma de gênero pode trazer contribuições importantes para a compreensão do ciúme nas diferentes leituras teóricas e epistemológicas no campo Psi. Esse posicionamento se revela fundamental, especialmente, quando pensamos na realidade brasileira, ainda marcada por rígidos padrões e normas sexistas e alarmada pelos elevados índices de violências sofridas pelas mulheres (WAISELFISZ, 2015) no âmbito de suas relações íntimas de afeto.

Referências

BRASIL, Angela. Psicopatologia da Vida Amorosa. *Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre*, v. 37, p. 9–21, 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-46376>

BUSS, David. et al. Sex differences in jealousy: Evolution, physiology and psychology. *Psychological Science*, v. 3, n. 4, p. 251–255, 1992. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40062797>

BUSS, David. M. *A paixão perigosa: por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo*. Rio de Janeiro - RJ: Editora Objetiva, 2000.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 4ª ed. Rio de Janeiro - RJ: Civilização Brasileira, 2012.

CARVALHO, Lucas. de Francisco; AMBIEL, Rodolfo. A. M. Diferenças entre os sexos no ciúme romântico: um estudo brasileiro. *Avances en Psicología Latinoamericana*, v. 34, n. 1, p. 143–155, 2016.

Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-47242016000100011&script=sci_abstract&tlng=pt

CERQUEIRA, Daniel et al. *Atlas da Violência 2020*. Brasília-DF/PEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), 2020.

CLANTON, Gordon. Jealousy and Envy. In: STETS, J. E.; TURNER, J. H. (Eds.). *Handbook of the Sociology of Emotions*. New York-USA: Springer, 2007. p. 410–442.

COSTA, Nazaré. Contribuições da psicologia evolutiva e da análise do comportamento acerca do ciúme. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 7, n. 1, p. 5–13, 2005. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452005000100003

COSTA, Nazaré.; BARROS, Romariz da Silva. Celos: test de definición y una hipótesis

sobre la diferencia de género bajo la óptica del análisis de la conducta. *Terapia psicológica*, v. 26, n. 1, p. 15–25, 2008. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-48082008000100002

COSTA, Nazaré.; BARROS, Romariz da Silva. Ciúme: Uma interpretação analítico-comportamental. *Acta Comportamental*, v. 18, n. 1, p. 135–149, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-81452010000100007

Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP); DATAFOLHA, I. *Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*. Brasília-DF^{2ª} ed, , 2019. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf>

FERNANDES, Valéria Diez Scarance; TAKAKI, Daniel Zamproni.; PAULA, Fernanda Santos de. *Raio X do FEMINICÍDIO em SP: é possível evitar a morte*. São Paulo-SP: Núcleo Gênero MPSP, 2018.

FERREIRA, Vinicius Santos. *Diferenças sexuais na ativação do ciúme: comparação entre dilemas*. Dissertação (Mestrado em Ciências do Comportamento) - Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2013.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. Mendonça. *Revisitando as Psicologias: Da Epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos*. 4ª ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2008.

FREUD, Sigmund. Notas Psicanalíticas Sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia (Dementia Paranoides). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol XII*. Rio de Janeiro - RJ: Editora Imago (Original publicado em 1911), 2006a. p. 13–86.

FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol XIV*. Rio de Janeiro - RJ: Editora Imago (Original publicado em 1914), 2006b. p. 75–110.

FREUD, Sigmund. Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade [1922]. In: MORAES, M. R. S. (Ed.). *Obras incompletas de Sigmund Freud: Neurose, Psicose e Perversão*. Belo Horizonte-MG: Autêntica Editora, 2016, p. 193-216.

FREUD, Sigmund. Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos (1925). In: MORAES, M. R. S. (Ed.). *Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade*. 1ª ed. Belo Horizonte-MG: Autêntica Editora, 2019a. p. 259–276.

FREUD, Sigmund. O declínio do Complexo de Édipo (1924). In: MORAES, M. R. S. (Ed.). *Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte -MG: Autêntica Editora, 2019b. p. 247–258.

HARRIS, Christine. R The Evolution of Jealousy: Did Men and Women, Facing Different Selective Pressures, Evolve Different “Brands” of Jealousy? Recent Evidence Suggests

Not. *American Scientist*, v. 92, n. 1, p. 62–71, 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27858334>

HARRIS, Christine. R Male and Female Jealousy, Still More Similar than Different: Reply to Sagar...: EBSCOhost. *Personality and Social Psychology Review*, v. 9, n. 1, p. 76–86, 2005. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1207/s15327957pspr0901_6

HARRIS, Christine. R.; DARBY, Ryan. S. Jealousy in Adulthood. In: SYBIL L. HART; LEGERSTEE, M. (Eds.). *Handbook of Jealousy: Theory, Research, and Multidisciplinary Approaches*. New Jersey-EUA: Wiley-Blackwell, 2010. p. 547–571.

HUPKA, Ralph. B. Cultural determinants of jealousy. *Alternative Lifestyles*, v. 4, n. 3, p. 310–356, 1991. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01257943>

LACHAUD, Denise. *Ciúmes*. Rio de Janeiro - RJ: Companhia de Freud, 2001.

LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. 4ª edição ed. São Paulo - SP: Martins Fontes, 2011.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo - Corpo e Gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro - RJ: Relume-Dumará, 2001.

LE BRETON, David. *As Paixões Ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2009.

LE BRETON, David. *Antropologia das Emoções*. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2019.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do novo mundo*. Rio de Janeiro - RJ: Editora Rocco, 1999.

MACHADO, Lia. Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: M. R. SCHPUN (Ed.). *Masculinidades*. São Paulo - SP: Boitempo Editorial & Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 35–78.

MEES, Lúcia Alves. Sobre os tipos de ciúmes. *Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre*, v. 37, p. 36–45, 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-46376>

ORTIZ, Jesús María Canto. et al. El papel de la cultura del honor, del sexismo y de los celos en la respuesta a la infidelidad de la pareja. *Escritos de Psicología*, v. 5, n. 1, p. 9–16, 2012. Disponível em: https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1989-38092012000100002

PINES, Ayla. M. Romantic jealousy: five perspectives and an integrative approach. *Psychotherapy Theory Research & Practice*, v. 29, n. 4, p. 675–683, 1992. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1994-06700-001>

PINES, Ayla. M.; FRIEDMAN, Ariella. Gender Differences in Romantic Jealousy. *Journal of Social Psychology*, v. 138, n. 1, p. 54–71, fev. 1998. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00224549809600353>

RAMOS, André Luiz Moraes; CALEGARO, Marco. Resenha: A paixão perigosa: por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 17, n. 3, p. 293–295, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/8HfzTj7t6GSMextVsyCnhQw/?lang=pt>

REZENDE, Claudia. Barcellos.; COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro - RJ: Editora FGV, 2010.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, n. 2, p. v–vi, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=pt>

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. DE (Ed.). *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro - RJ: Bazar do Tempo, 2019. p. 49–80.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Reflections on behaviorism and society*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1978.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Questões recentes na análise comportamental*. 5ª ed. Campinas-SP: Papirus Editora, 2003.

TEIXEIRA, Analba. Brazão. *Nunca você sem mim: homicidas-suicidas nas relações afetivo-conjugais*. São Paulo-SP: Editora Annablume, 2009.

VOSGERAU, Dilmeire Santana Ramos; ROMANOWSKI, Joana P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*, v. 14, n. 474, p. 165–189, 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/2317>

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil. *Flacso Brasil*, v. 1, p. 83, 2015.

ZANELLO, Valeska. Escrita feminina, entre o bordejamento da falta e o desamparo: Contribuições a partir de uma leitura gendrada da Psicanálise. In: FREITAS, J. DE L.; FLORES, E. P. (Eds.). *Arte e Psicologia: fundamentos e práticas*. Curitiba - PR: Editora Juruá de Psicologia, 2016. p. 41–56.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba - PR: Editora Appris, 2018.